



# Introdução



É sábado à noite e amanhã é um dia de trabalho diferente. Estamos em plena pandemia do vírus COVID-19.

As ruas estão vazias, as escolas estão fechadas, há pessoas a morrer e os países têm medo. Começámos o recolher obrigatório há alguns dias e o Governo está a apostar no confinamento, de modo a que, aqui, nos Emirados Árabes Unidos, fiquemos em segurança.

Sou um português a viver no Dubai. Acredito que amanhã será melhor.

Nestes dias em que o #stayathome é o novo grande movimento de massas, há algo que já sei: não estamos a tornar-nos digitais, nós *já somos* digitais e talvez seja esta a chave para a pandemia, a fim de evitar que outras surjam e que originem novas formas de viver entre as pessoas.

A COVID-19 vai ser um marco de progresso na tecnologia. Talvez venha a ter um novo nome no futuro. Por agora é apenas um vírus que está a atrasar-nos. Acredito que nesta escuridão haja uma luz, uma luz intermitente que está *ON* e *LIGA*, e *OFF* e *DESLIGA*, e que, eventualmente, ficará *ON* para sempre. *ON* para novas formas de comprar, *ON* em novos modos de fazer medicina, *ON* em novas maneiras de fazer amigos, *ON* para uma nova realidade.

Nós, humanos, inovadores, pessoas... estamos *ON* nisso e ainda acreditamos que há uma razão para tal.



# A EVOLUÇÃO DIGITAL NOS CUIDADOS DE SAÚDE



A evolução digital está a causar mudanças em todas as indústrias. Afeta o modo como cada produto é distribuído de um lugar para outro, o modo como as empresas chegam aos seus consumidores e mesmo a maneira como acedemos e gerimos os dados. Com efeito, falamos de pessoas, pois a era digital existe porque há pessoas por trás dela.

As pessoas são, atualmente, a ponte para o impacto da transformação digital no sector da saúde. Talvez a esperança média de vida aumente devido à tremenda influência nos novos elementos digitais que apoiam os sistemas de saúde, os profissionais de saúde (PS)/fornecedores de serviços de saúde, as empresas farmacêuticas e as famílias de doentes com condições médicas.<sup>1</sup>

Não há muito tempo, quando um doente ia a uma consulta, esta era geralmente finalizada com uma folha de papel, a conhecida prescrição médica. Habitualmente, a marcação da consulta era feita presencialmente ou, com alguma sorte, por telefone, muitas vezes com um elevado tempo de espera. Quando um doente chegava ao hospital, a triagem incluía um molho de folhas que ajudavam no percurso e na orientação do mesmo. Adicionalmente, seriam precisos vários enfermeiros e assistentes hospitalares para encaminhar o ficheiro do doente entre os vários serviços.



Créditos: imagem: pch.vector/Freepik.com.  
Gráficos criados com recursos retirados de Freepik.com.



Créditos: imagem: pikisuperstar/Freepik.com.  
Gráficos criados com recursos retirados de Freepik.com.

O diagnóstico era feito com recurso a instrumentos de grande importância, como o estetoscópio, mas não digitais.

Se o médico necessitasse de mais informação, o doente deslocar-se-ia para outros serviços e, mesmo, para fora do hospital.